

Proposta alternativa para o ensino de surdos: experiência institucional no Estado da Paraíba

ELENY GIANINI

DELBA CRUZ CAMELO PESSOA

ANA DORZIAT

Professoras do Departamento de Educação da
Universidade Federal da Paraíba - *Campus II*

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolve, desde 1983, trabalho de extensão numa instituição pública voltada para o ensino de pessoas surdas: A Escola de Audiocomunicação de Campina Grande (EDAC).

A EDAC foi criada devido à necessidade premente de um campo de estágio para a Habilitação de Educação de Deficientes da Audiocomunicação, do Curso de Pedagogia da UFPB, e a carência de instituições para atender a grande demanda de portadores de surdez da cidade de Campina Grande (Paraíba). O atendimento escolar teve início no primeiro semestre de 1983 com a participação de professores da UFPB e estagiárias, funcionando, durante esse ano, precariamente, nas dependências de uma Igreja.

A partir de então, iniciaram-se entendimentos com as Secretarias de Educação do Estado da Paraíba e da cidade de Campina Grande, sendo que atualmente a EDAC pertence à Rede Estadual de Ensino, conveniada com a Secretaria de Educação do Município e a UFPB. Atualmente, pedagogos especializados na educação de surdos, contratados pelo Estado e pela Prefeitura Municipal, compõem o corpo docente da escola, e os professores da UFPB (orientador pedagógico, psicólogo e fonoaudiólogo) formamos o corpo técnico, a partir de trabalho de extensão.

Por muitos anos acreditávamos que a educação da criança surda deveria centrar-se na aprendizagem da linguagem oral, por se tratar da diferença mais evidente em relação às crianças ditas “normais”. A partir de programas de treinamento auditivo, de treinamento de fala e de estruturação de linguagem os alunos chegariam a níveis linguísticos suficientes para o aprendizado escolar e para a integração social. A utilização do sistema gestual (natural dos surdos) foi renegado por praticamente todos os educadores, pois entendiam ser o mesmo um conjunto de gestos desordenados, limitados a expressões concretas e embotador da linguagem oral. Apoiada nesta filosofia oralista, dominante e praticamente única no Brasil até bem pouco tempo, a EDAC desenvolveu suas atividades durante vários anos. No entanto, o fracasso escolar e as dificuldades de integração de seus alunos, além do conhecimento de novas (ou talvez de velhas...) filosofias de trabalho para esta clientela, levaram-nos (equipe técnica e docente) a repensar esta posição.

Importantes pesquisas sobre a linguagem de sinais e suas implicações na educação da criança surda têm sido produzidas nos últimos anos. Além de terem estabelecido seu *status* de língua, vêm demonstrando a importância de sua utilização na educação destas crianças. Segundo Northern e Downs,

*o que parece eficaz é a exposição aos padrões de linguagem manual numa idade jovem. Um grande número de estudos mostra que crianças surdas, filhas de pais surdos, têm um nível significativamente mais alto de linguagem do que todas as outras crianças surdas; que elas têm desenvolvimento equivalente da fala; que alcançam, nos estudos, um nível mais alto; e que tendem a ser mais bem ajustadas do que as outras crianças surdas.*¹

Ferreira Brito² defende o reconhecimento do surdo na sua diferença e especificidade e a necessidade do aprendizado da língua oral e da língua de sinais (Bilingüismo), considerando a língua de sinais como uma importante via para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação surdo-ouvinte como também a comunicação surdo-surdo, além de desempenhar a importante função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social.

Além destes dados, estudos neurolinguísticos apontam que a língua de sinais é um língua natural, uma vez que é organizada no cérebro da mesma forma que a oral, apresentando, um período crítico para a sua aquisição. Segundo Rodrigues,³

1 Northern & Downs (1989, p.343) *

2 BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

3 RODRIGUES, Norberto. *Organização neural da linguagem*. Em: MOURA, M.C., LODI, A.C., PEREIRA, M.C. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art., 1993, p. 17.

é voz corrente que a surdez é um desvio biológico/natural e portanto, deve ser corrigido. Entretanto, em nome deste argumento biológico/natural propõe-se uma intervenção antibiológica, porque não respeita as evidências de que a língua de sinais é uma língua natural dos surdos, que ela tem um período crítico e precoce de aprendizado e que a visão é a via de comunicação preferencial de quem não escuta. Portanto, do ponto de vista biológico, natural é a língua de sinais.

OBJETIVOS ATUAIS DA ESCOLA

Baseada nestes e em outros estudos, a EDAC reformulou sua maneira de ver o surdo e sua metodologia de trabalho, tendo, atualmente, os seguintes objetivos:

- criar condições que garantam o desenvolvimento normal da linguagem de crianças surdas e facilitem seu ótimo desenvolvimento cognitivo;
- criar condições que permitam a aquisição eficaz de conhecimentos gerais e do ensino curricular, mediante a utilização da língua de sinais;
- facilitar o processo de aquisição da língua escrita por parte da criança e adultos surdos;
- promover a comunidade de surdos em seus aspectos educativos, culturais, trabalhistas, sócio-econômicos e organizacionais, resgatando sua dignidade ante à comunidade ouvinte.

PROGRAMAS DESENVOLVIDOS NA ESCOLA

Para atender a uma clientela de 120 alunos, regularmente matriculados este ano, a EDAC desenvolve suas atividades nos turnos matutino, vespertino e noturno, através de diversos programas e atendimentos.

Procurando dar impulso a esses programas desenvolvemos o “projeto de assessoria”, tendo as seguintes metas: promover a atualização dos professores da instituição nas abordagens gestuais ora propostas na educação de surdos; adequar a metodologia de trabalho para esta clientela, com base em uma nova concepção de educação de surdos (abordagem gestual); acompanhar o desenvolvimento psicossocial e educacional dos alunos da EDAC, frente a esta nova proposta; efetivar a participação de alunos da Universidade numa proposta alternativa para educação de surdos; e atualizar os conteúdos da habilitação em Educação de Deficientes da Audiocomunicação do curso de Pedagogia, a partir da análise da prática desenvolvida pelos participantes da

experiência. Visando a consecução desses objetivos procuramos incentivar a participação dos professores e dos alunos da Habilitação na execução de novas propostas de trabalho, e atuamos diretamente com os alunos surdos e com suas famílias ou indiretamente através de orientações e planejamentos com a equipe da EDAC.

Um dos programas desenvolvidos na escola é a “educação precoce”, considerada essencial para a aquisição das habilidades básicas das crianças surdas, a partir das quais poderemos vislumbrar um desenvolvimento dessas crianças dentro dos padrões esperados. Esse programa é destinado a crianças surdas de 0 a 3 anos de idade e visa o desenvolvimento global das mesmas, utilizando a comunicação gestual (português com sinais e língua de sinais) como parte fundamental de sua metodologia de trabalho. As atividades desenvolvidas neste programa estão relacionadas à áreas motora, cognitiva, comunicativo/linguística, sensorial e psicossocial.

A instituição desenvolve, também, proposta de pré-escola e alfabetização para crianças a partir de 4 anos de idade. Baseado na comunicação gestual e nas concepções da abordagem sócio-construtivista para a aquisição da língua escrita, esta proposta tem sua atenção voltada, principalmente, para as atividades de linguagem e de escrita. Apesar das atividades partirem do pressuposto de que não deveria haver nenhum obstáculo para que os surdos se apropriassem eficazmente de um código visual como é a escrita, procuramos respostas para algumas questões que se colocam a partir da diferença inegável entre surdos e ouvintes. Por exemplo: quais são as implicações da falta de audição para o aprendizado de um código de natureza alfabética, como é o português escrito?

Dando prosseguimento ao trabalho desenvolvido nessa fase, toma impulso na escola às atividades do 1º grau/1ª fase. Nelas, além de tentarmos aproximar os conteúdos veiculados no ensino de surdos ao conteúdo desenvolvido pelo 1º grau regular, procuramos priorizar a descoberta, a criação, enfim a participação efetiva dos surdos nas etapas de elaboração e aquisição do conhecimento, como fator indispensável à apropriação do mesmo.

A partir de concepções da abordagem sócio-cultural a escola desenvolve, também, o programa de educação de jovens e adultos. Neste programa, há surdos adultos que nunca tiveram oportunidade escolar anterior e os que chegaram à idade adulta semi-analfabetos ou com baixo nível de escolaridade, apesar de terem frequentado a escola. O objetivo deste programa é alfabetizar os primeiros e avançar a escolaridade dos segundos. Contudo, podemos dizer que seu objetivo maior é promover a comunidade surda, valorizando a sua língua, elevando sua auto-estima e estimulando a sua organização (Associação de Surdos).

Sabendo que um trabalho nesta perspectiva não pode ficar restrito ao âmbito escolar, a escola realiza orientação familiar. A idéia des-

te programa surgiu da compreensão pela equipe de trabalho de que sem o apoio e o discernimento da família sobre às questões relacionadas à surdez, coloca-se limites e restrições ao desenvolvimento efetivo dos surdos. Este programa é desenvolvido através de grupos de apoio, propiciando situações em que as dificuldades comuns dos pais sejam discutidas e reequilibradas; e orientações individuais, trabalhando as dificuldades específicas de cada família.

Existe na escola, também, uma avaliação inicial e acompanhamento dos alunos, através de entrevistas e posterior encaminhamento aos programas disponíveis na instituição.

O trabalho até agora desenvolvido evidencia algumas questões iniciais:

1. não é mais possível conceber a educação de surdos fora de uma abordagem gestual e de escolas especiais;
2. o atendimento a esta clientela deve se dar o mais cedo possível, através de programas de atendimento precoce;
3. sem um trabalho com os pais, no sentido da busca da aceitação de seu filho e do acreditar que o mesmo não é deficiente, mas diferente, nenhuma proposta educacional para o surdo terá êxito.

Apesar destas conclusões iniciais que apontam para um direção bem delineada, sabemos que muito caminho há pela frente em relação a um maior aprofundamento teórico-prático das questões que ora se apresentam na educação de surdos, principalmente no que diz respeito a uma definição mais clara de abordagem educacional e de seus desdobramentos metodológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- BOUVET, Danielle. *The path to language: bilingual education for deaf children*. Cleveland: Multilingual Matters, 1990.
- CRUZ, Maria Christina da. Linguagem e desenvolvimento na infância: algumas reflexões sobre a alfabetização em crianças deficientes auditivas. Em: *XI Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil e IX Congresso Latino de Neurologia Infantil*, Blumenau, 1991.
- FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MARCHESI, Álvaro. *El desarrollo cognitivo y linguístico de los niños sordos: perspectivas educativas*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

MOURA, Maria Cecília. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.

RODRIGUES, Norberto. Organização neural da linguagem. Em: MOURA, M.C, LODI, A.C., PEREIRA, M.C. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art.

SANCHEZ, Carlos. *La educacion de los sordos en un modelo bilíngüe*. Venezuela: Iakoma, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Projeto de Extensão denominado "Assessoria à Escola de Audiocomunicação de Campina Grande nas áreas pedagógica, psicológica e fonoaudiológica".